

## CAIXAS SIMPLES DE MADEIRA

Martha Pendergrass Templeton

Imagino que todos tenham vivido, na infância, um Natal mais marcante do que todos os outros. Para mim, esse Natal especial aconteceu no ano em que a fábrica Burlington, de Scottsboro, fechou as portas. Eu ainda era pequena. Não sei precisar qual foi exatamente o ano; a lembrança é como uma névoa em minha mente, mas os acontecimentos daquele Natal permanecerão para sempre em meu coração.

Meu pai, que havia sido empregado da Burlington, nunca deixou transparecer para nós que estávamos atravessando dificuldades financeiras. Afinal, as crianças vivem em um mundo de inocência, no qual o dinheiro e o emprego não passam de palavras soltas ao vento, e, para nós, a euforia do Natal jamais seria extinta. Só sabíamos que nosso pai, que normalmente trabalhava muito e até tarde da noite, agora estava sempre em casa; cada dia parecia ser um feriado.

Mamãe, uma dona-de-casa, estava procurando trabalho na fábrica de tecidos; mas os empregos eram raros. Depois de muita insistência, disseram-lhe que não havia vagas antes do Natal. Foi no caminho de casa, depois daquela angustiante entrevista, que ela acabou com o nosso único carro. O magro cheque do seguro-desemprego que papai recebia passou a ser a única fonte de renda de nossa família.

Para meus pais, o Natal trouxe montanhas de preocupações, suspiros infintos, lágrimas e muitas orações.

Não posso sequer imaginar o que aconteceu entre meus pais naqueles momentos em que seus pedidos foram atendidos. Talvez eles tenham demorado um pouco até que as ideias se formassem completamente. Talvez tenha sido uma mistura das ideias dos dois.

Não sei bem qual foi a ideia que deu certo, mas ela funcionou.

Juntos, eles economizariam dinheiro suficiente para comprar uma boneca Barbie para cada uma de nós. Para os outros presentes, eles confiariam nos seus próprios talentos, usando sobras de materiais.

Enquanto ainda era noite, mãos calejadas serravam, martelavam e pintavam; dedos ágeis confeccionavam roupinhas e mais roupinhas na máquina de costura: vestidos de noiva e camisolas para as bonecas...

roupas em miniatura para cada ocasião, produzidas sob o ruído da velha máquina de costura. Não faço ideia de onde estávamos enquanto todas aquelas coisas eram feitas. Mas, de alguma forma, meus pais encontravam tempo para trabalhar de corpo e alma em nossos presentes, e a euforia do Natal renasceu para a família inteira.

Na véspera daquele Natal, o sol estava se pondo no horizonte quando ouvi o ronco inesperado de um motor na entrada de nossa casa. Olhei para fora e mal pude acreditar no que via. Tio Buck e tia Charlene, o cunhado e a irmã de mamãe, vieram da Geórgia para fazer uma surpresa a nós. Amontoados no carro, como se não houvesse necessidade de ar para respirar, estavam meus três primos, minha "tia" Dean, que se recusava a ser chamada de "tia", meu avô e minha avó. Também não pude deixar de notar os inúmeros presentes para todos nós, muito bem embrulhados e

amarrados com lindos laços. Eles souberam que aquele seria um Natal difícil para nossa família e vieram colaborar.

Na manhã seguinte, encontramos mais presentes do que poderíamos imaginar. E, apesar de não me lembrar exatamente de cada brinquedo, sei que havia uma montanha deles. Brinquedos! Brinquedos!

Brinquedos!

Foi então que, em meio a toda aquela alegria, papai decidiu que não nos entregaria seus presentes. Com tantos brinquedos, não havia motivo para nos dar as casinhas de boneca feitas por ele. Afinal, elas não passavam de caixas rústicas e vermelhas. Certamente, não eram tão bonitas quanto os presentes comprados em lojas, trazidos pela família de mamãe. Os risos encheram a manhã, e não desconfiamos de que nossos presentes estavam escondidos em algum lugar.

Quando mamãe perguntou a papai sobre os presentes, ele lhe disse o que pensava. Ela insistiu que ele nos desse os presentes. E assim, no final daquela tarde, depois que todas as visitas partiram, papai trouxe, com relutância, seus presentes de amor para a sala de estar.

Caixas de madeira. Caixas de madeira, pintadas de vermelho, com dobradiças, para que cada lado pudesse ser aberto e usado como uma casa. De cada lado havia um compartimento com tamanho suficiente para acomodar uma boneca Barbie. Um pequenino cavalete atravessava a caixa, com cabides para pendurar as roupinhas da boneca. Na parte externa, ele colocou uma alça, de modo que, quando a caixa fosse fechada por um ímã parecido com o sinal de igual, a casa pudesse ser carregada como se fosse uma maleta. Embora eu não me recorde de nenhum dos outros presentes que ganhei naquele dia, aquelas coisas ficaram gravadas indelevelmente em minha memória. Eu me lembro da textura da madeira, da exata tonalidade da tinta vermelha, do ímã que fechava a tampa, da alça escurecida pelo tempo e das dobradiças... Eu me lembro de ter pendurado carinhosamente as roupinhas nos cabides e do cuidado que tinha para não enroscar o cabelo da Barbie quando fechava a caixa. Eu me lembro de tudo o que foi possível ser registrado em minha memória, porque guardamos com carinho aquelas caixas, durante muito tempo, mesmo depois que nossas bonecas deixaram de existir.

Já vivi e apreciei muito 29 celebrações natalinas, cada uma delas com a euforia que lhe é peculiar. Cada uma recheada de amor e esperança. Cada uma trazendo presentes com os quais tanto sonhei. Mas poucos presentes se comparam àquelas caixas simples de madeira. Portanto, não é de admirar que meus olhos fiquem úmidos quando penso em meu pai, em pé, naquela manhã fria de Natal, perguntando a si mesmo se seu presente era suficientemente bom.

O amor, papai, é sempre suficientemente bom!